



Eunice Borealⁱ

SER POESIA

algo me sufoca e não tem nada
com esse tempo
esse medo
esse vírus
estou só
mas imune não estou

aos sentidos das humanidades

por isso mesmo branca
também morro com George Lloyd
morro mais ainda com Miguel
morro de saudade dos sonhos Ágatha

Morro e sei que o mundo não vai se acabar por isso

Morro. A humanidade? Não sei.

*

Morro de tristeza. Lembro do homem dizendo que amor não é nada disso. Morro de sufoco. Mas ainda tiro as suas mãos da minha garganta. Morro de medo de fazer novo amigo. Morro de medo do amor que não é nada disso. Morro de medo de me abrir, sou fera frágil... Mas não grito. Morro de medo de mostrar e vivo no

palco. Morro de medo de você não ver quem sou... E o medo tenta falar por mim. E quem sou, de novo, sufocada, tem medo de ouvir dizer que eu não sou nada disso. E agora sou quem me coloca na emboscada. sou agora quem me coloca numa emboscada. Morro. De novo. e ninguém tem nada haver com isso. Morro e mato, mesmo sem saber quando há vida e morte no que digo.

*

te cuida com carinho
mas não brinque assim comigo
digo isso pra ti mas é comigo

que brigo

não fosse a dor melhor seria
viver a presença do alívio
afinal
sorrir de si é o princípio
desse
estar
sendo
mesmo
sem ter
sido
se tecendo
se torcendo
dentro do olhar labirinto

*

me perdoe, mas a culpa não é minha
sinto dores abismais
e o meu próprio eu naufraga em mim
deve ser mercúrio retrógrado

ou talvez carma do passado
provavelmente seja do cartório
esse absurdo de escrever
a justiça sem lei
a vitória sem justiça
numa eleição de perdedores
de um país que nunca foi
mas essa culpa sim
é tanto minha quanto sua e de quem nem leu isso aqui

*

a culpa até parece
uma tentativa de se aprisionar
na própria ignorância

afinal
entre eu e você
há também a coautoria
algo nos escapa
talvez seja uma outra matemática
outro ecossistema
outra realidade
talvez tudo
probabilidade
Ou a oportunidade de
orquestrar o caos com a poesia

inclusive sua

sim

você, aqui, vivendo toda a leitura.

*

há tempos me lembrei poeira
e quando morro de tristeza
sinto o oceano por dentro

vida nascente até que
nossa
tal humanidade perturba
então evaporo e voo para renascer
semente em floresta é poesia
tecer meta não é se prender na linha reta
se tecer perceber e depois do ciclo, espiralar
lembra que desejo, movimento
não é ser só
fantasia
fantasma
Falta
Asma
Farta
Ânima
nem o vulto do que se pensa dos pais
muito menos do país
a nação se mente quando não se vê
semente
E a nossa subjetividade é força
delicada

ⁱ Eunice Boreal é filósofa, produtora e artista. Nasceu em 1984 na capital paraibana. Pratica arte desde os 9 anos e hoje, a partir do seu conceito de Poesia TransForme, desenha, dirige filmes, canta, atua e promove o método com inspirações interdisciplinares. Realiza cursos e palestras há anos. Já recebeu diversos prêmios, realiza projetos e publica em revistas nacionais e internacionais. É a fundadora e diretora geral do Lavip – Laboratório de vivências poéticas.